

# REDAÇÃO

com **Fernanda Pessoa**

**Arquiteta e urbanista  
Raquel Rolnik**

 **CURSO**  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE







## ARQUITETA E URBANISTA RAQUEL ROLNIK

### 1956 – VIVÍSSIMA

Raquel Rolnik é uma das urbanistas mais influentes do Brasil e referência internacional em **direito à cidade, habitação, urbanismo crítico e política urbana**. Seu trabalho une **pesquisa acadêmica, atuação institucional e engajamento público**, sempre com uma visão crítica da maneira como o espaço urbano é produzido — especialmente nos países do Sul Global.

**Área:** Urbanismo, arquitetura, políticas habitacionais, direito à cidade, planejamento urbano, urbanismo e risco, segregação territorial, direito à moradia



### PRINCIPAIS OBRAS:

- \* **“Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças”** (2015)  
Análise crítica da financeirização da moradia no Brasil e no mundo.
- \* **“São Paulo: o planejamento das desigualdades”** 2022
- \* **“O que é cidade?”** (2004 – Coleção Primeiros Passos)  
Livro introdutório que explica de forma acessível o que é a cidade, quem a produz e para quem ela é feita.
- \* **“Territórios em conflito: São Paulo, espaço, história e política”** - 2017



### IDEIAS PRINCIPAIS:

#### A Guerra dos lugares

- \* **A cidade virou mercadoria: a lógica do capital financeiro invadiu o espaço urbano.**

- \* **Propõe o direito à cidade como direito à permanência, diversidade e centralidade.**
- \* Denuncia que **os desastres urbanos (enchentes, deslizamentos, falta de saneamento)** decorrem de um modelo de cidade excludente e privatista.
- \* Estuda como a especulação imobiliária empurra os pobres para áreas de risco e como o Estado historicamente se **omite na prevenção**.
- \* Propõe o fortalecimento da **gestão democrática do território** como resposta estrutural aos desastres.
- \* Denuncia como projetos de “revitalização urbana” muitas vezes resultam em **expulsão de moradores pobres** e substituição por elites, o que ela chama de **“guerra dos lugares”**.
- \* **Denuncia o quanto a política habitacional atual gera segregação urbana.**
- \* O Estado brasileiro historicamente produziu moradias **longe dos centros**, criando guetos e periferias.
- \* Durante sua atuação na ONU, Rolnik documentou como os Jogos Olímpicos no Rio e a Copa do Mundo no Brasil promoveram remoções forçadas sob o pretexto de “reestruturação urbana”. O que se viu, porém, foi a expulsão de populações periféricas para beneficiar interesses privados — uma face concreta do “urbanismo do capital”



Raquel Rolnik no lançamento do livro *Guerra dos Lugares*. Fonte/Reprodução: YouTube

## Financeirização das cidades e da moradia

- \* Analisa como a cidade, por ser um ativo financeiro, passou a ser tratada como **mercadoria** e deixou de ser um espaço de vida e de direitos.
- \* Com o fenômeno que chama de “**colonização financeira do espaço construído**”, imóveis e bairros viram mercadoria, e a promessa de casa própria se torna uma armadilha de dívida. O resultado? **A moradia sai do alcance dos mais vulneráveis.**
- \* A casa vira um “papel” de investimento — e não um lugar de vida.

## Direito à cidade (inspirado em Lefebvre, mas com releituras brasileiras)

- \* Trabalha com a ideia de que o espaço urbano deve ser acessível, democrático e planejado **com base nas necessidades reais da população**, e não no lucro.
- \* Todos os cidadãos devem ter o direito de **usar, ocupar, transformar e decidir sobre a cidade**, especialmente os grupos historicamente excluídos.
- \* Vai além do direito à moradia: inclui **acesso à mobilidade, saúde, cultura, segurança, lazer, emprego e centralidade.**
- \* Pressupõe **participação social ativa** nas decisões urbanas.

## Produção social do espaço

- \* A cidade não é neutra: ela **é construída por escolhas políticas**, que privilegiam certos grupos e excluem outros.
- \* Ruas, bairros, transporte e habitação refletem **relações de poder e de desigualdade.**
- \* É preciso **democratizar o planejamento urbano** e incluir as vozes da população periférica.



## O direito à cidade como base ética da intervenção urbana

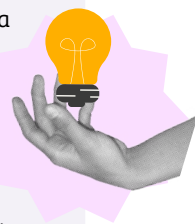
Rolnik defende que o direito urbano vai além da moradia: inclui mobilidade, acesso a serviços públicos e participação cidadã. Uma cidade justa deve ser **projetada com**, e não apenas **para**, seus moradores, incorporando diversidade social como princípio, não como adorno.

## Confinamento e privatização do espaço público

Ela alerta que o “urbanismo de shopping” — caracterizado por condomínios fechados, shoppings e muros — é uma expressão da financeirização urbana. É o modelo da **cidade confinada**, que isola e adensa para poucos, enquanto fragmenta o coletivo.

## BOAS IDEIAS MINHAS PARA ASSOCIAR:

- \* A cidade não é o palco neutro de uma história natural — é campo de batalha político e econômico.
- \* A moradia se transformou em mercadoria global, e a cidade paga o preço dessa lógica abstrata.
- \* Para reconstruir cidades justas, é preciso resgatar o direito à cidade, reconectar o planejamento à inclusão e escutar quem sempre ficou de fora.
- \* O **urbanismo decolonial** exige redesenhar cidades sob a ótica do coletivo, da justiça e da participação — não apenas do capital.



**Só para entender melhor o que Christian Dunker começou a estudar, mas aqui é a urbanista Raquel Rolnik quem estuda:**

Em “A cidade confinada”: shoppings, condomínios e a agonia dos espaços públicos, um dos capítulos do livro, Raquel investiga o momento da história de São Paulo em que os ambientes públicos de uso coletivo dão lugar a ambientes privados, num movimento de “confinamento” da classe média em condomínios e centros comerciais. Ela salienta que não se trata de historiar, mas de destacar momentos históricos definitivos para essas transformações que vieram para ficar.

O abandono do transporte por trilhos para os automóveis é um desses momentos. Nos anos 1990, com a desindustrialização, ela aponta a perda de renda e emprego, aumento da pobreza e cresce a penetração da violência concreta e simbolicamente.

“É um momento em que cresce e aumenta muito a violência na cidade, a penetração da violência — fisicamente, claro, materialmente, mas também simbolicamente, no imaginário da cidade — e, a partir dela, a gente tem uma série de novos produtos imobiliários, ou ‘produtos do complexo imobiliário financeiro’, como eu denomino no livro, que vão oferecer novos modelos de organização da cidade, que é o que chamo de ‘cidade confinada’”.

“Trocando em miúdos: shopping center, em vez da rua comercial aberta; condomínios fechados e murados para dentro de si, em vez do bairro sem muros. Então, a cidade confinada é essa reestruturação dos modos de viver na cidade, que implicaram um ‘ir para dentro’, uma segregação absolutamente violenta, um modelo de vigilância e securitário predominante, das câmeras, dos muros altos, e um abandono dos espaços públicos, sobretudo por parte das classes médias e altas, que vão se confinar nesses espaços de usufruto coletivo, privados e controlados.”

Na macropolítica, ela aponta o modelo neoliberal de gestão da cidade, com a privatização dos serviços públicos que vieram nessa onda dos anos 1990. Uma gestão empresarial dos espaços e serviços públicos e que aumenta os regimes de controle territorial privados que emergem na cidade, presentes de cima a baixo. Se isso ocorre no âmbito da macropolítica, também ocorre no âmbito da periferia do poder com um regime de controle das milícias e facções criminosas.

Essa descrição, no entanto, avança para a reivindicação por uma parcela da classe média paulistana por outro modelo de cidade. Raquel observa isso no início dos anos 2000, com a intensa ocupação de parques, praças e ruas não apenas como passagem, mas para permanência e usufruto. Desta forma, a



urbanista defende que a participação pública, o controle social e a transparência em ouvir distintas vozes é a melhor forma de recuperar a cidade como ela é desejada por seus moradores.



## TÓPICOS FRASAS POSSÍVEIS:

- \* Financeirização das cidades e da moradia
- \* A criminalização da pobreza é reflexo de um processo de má gestão urbana.
- \* A cidade como construção política da desigualdade
- \* A segregação nas cidades não é fruto do descontrole urbano, mas de uma política que prioriza interesses privados em detrimento da justiça espacial.
- \* As políticas urbanas voltadas a grandes empreendimentos frequentemente desconsideram a função social do território e favorecem a expulsão dos mais pobres.
- \* O processo de urbanização no Brasil, longe de promover inclusão, consolidou um modelo de cidade voltado à valorização do solo e à concentração de privilégios.
- \* As políticas urbanas brasileiras priorizaram historicamente a expansão econômica em detrimento da justiça territorial, aprofundando desigualdades no acesso ao espaço urbano.
- \* A forma como as cidades foram planejadas e expandidas revela um projeto urbano excludente, em que o desenvolvimento ocorre à custa da marginalização de parcelas inteiras da população.
- \* A segregação espacial nas cidades brasileiras não é um desvio do planejamento urbano, mas um de seus principais resultados estruturais.
- \* Ao organizar o território com base na lógica da rentabilidade, o urbanismo brasileiro transforma o direito à cidade em um privilégio geográfico.
- \* A separação física entre os centros valorizados e as periferias precarizadas reflete a desigualdade social inscrita no próprio desenho urbano.
- \* A gentrificação opera como um mecanismo de expulsão social que disfarça exclusão sob o discurso da revitalização urbana.
- \* Ao promover a valorização imobiliária em áreas populares, a gentrificação transforma o pertencimento em obstáculo e o morador em entrave ao lucro.

- \* A substituição da função social da terra pelo interesse de mercado converte bairros inteiros em ativos financeiros e desloca os mais vulneráveis para zonas de invisibilidade urbana.
- \* A violência urbana no Brasil está diretamente ligada à lógica excludente que organiza o espaço urbano e distribui desigualmente os direitos.
- \* A fragmentação espacial das cidades contribui para a naturalização da violência nas periferias, ao mesmo tempo em que blinda os centros contra os efeitos da desigualdade.
- \* A cidade brasileira funciona como um reflexo ampliado das injustiças sociais: nela, o mapa do poder é traçado pelas fronteiras da exclusão.
- \* Quando o planejamento urbano se rende ao mercado, a cidade deixa de ser território de cidadania e se torna instrumento de segregação.
- \* A lógica que transforma o espaço urbano em mercadoria é a mesma que deslegitima os modos de vida populares e desloca corpos indesejáveis para as bordas do pertencimento.



## SUGESTÃO DE TEMAS:

- \* A elitização dos centros urbanos e seus impactos sociais
- \* O desafio da moradia digna nas metrópoles brasileiras
- \* Direito à cidade e os limites do urbanismo mercantilizado
- \* Favelização
- \* Violência urbana
- \* A mobilidade urbana como expressão das desigualdades sociais
- \* Os efeitos da gentrificação na identidade e diversidade dos bairros periféricos
- \* Racismo ambiental e urbanismo excludente
- \* Desigualdade urbana
- \* Gentrificação
- \* Direito à moradia
- \* Especulação imobiliária
- \* Mobilidade urbana e acesso à cidade



## ANOTAÇÕES

## PARÁGRAFO SOBRE VIOLÊNCIA URBANA DE FP - LINDO

Diante desse cenário, a violência urbana no Brasil não pode ser compreendida apenas como falha da segurança pública, mas como reflexo de um modelo de cidade fundamentado na exclusão social. Isso ocorre, porque, de acordo com a urbanista Raquel Rolnik, a lógica que direciona a organização dos espaços urbanos privilegia a valorização imobiliária e os interesses de mercado, mas marginaliza as populações periféricas, confinando-as em territórios marcados pela ausência do Estado. Nessas áreas, a precariedade não é casual, mas é resultado direto de políticas urbanas que concentram investimentos em regiões centrais e negam às bordas o acesso à infraestrutura, à mobilidade, à educação, à saúde e a atuação estatal, quando presente nesses territórios, ocorre majoritariamente por meio da repressão policial que mais oprime do que liberta. Nesse contexto, a criminalização da pobreza reforça a percepção de que a violência emerge das margens, quando, na verdade, ela é alimentada por uma estrutura urbana que segrega, silencia e nega direitos. Assim, a cidade deixa de ser espaço de cidadania para se consolidar como território de vigilância e punição e agravar os conflitos sociais em vez de enfrentá-los de forma justa e estrutural.

## OUTRO PARÁGRAFO DE FP - LINDO

Com base nesse cenário, nota-se que a segregação nas cidades brasileiras advém de um modelo urbano baseado por interesses econômicos que privilegiam a valorização imobiliária em detrimento da justiça territorial. Isso ocorre, porque, de acordo com a urbanista Raquel Rolnik, esse modelo não apenas ignora as necessidades das populações periféricas, mas institucionaliza sua exclusão ao direcionar os investimentos públicos para regiões centrais e socialmente valorizadas. Nesse sentido, “nas franjas urbanas”, a precariedade se torna padrão: faltam equipamentos públicos, oportunidades de mobilidade e acesso a direitos básicos. Em outras palavras, a segurança se esvazia quando a cidade se organiza como instrumento de separação social, e não como território de cidadania. Assim, o aparato estatal atua seletivamente, marcando esses territórios pela ausência de cuidado e pela presença de repressão, o que faz com que a violência não se imponha como consequência do caos, mas como expressão direta de um ordenamento urbano que nega o pertencimento de determinados grupos ao espaço da cidade.

## OUTRO PARÁGRAFO DE FP - LINDO

Com base nesse cenário, nota-se que a segregação nas cidades brasileiras advém de um modelo urbano baseado por interesses econômicos que privilegiam a valorização imobiliária em detrimento da justiça territorial. Esse modelo transforma o espaço urbano em mercadoria, converte o solo em ativo financeiro e desloca as populações de baixa renda para áreas periféricas e precarizadas. Isso ocorre, porque, com base na urbanista Raquel Rolnik, a política urbana frequentemente opera como instrumento de exclusão ao priorizar projetos que beneficiam setores privilegiados, como grandes empreendimentos e condomínios fechados, enquanto negligencia os territórios populares. Dessa forma, a ausência de investimentos em infraestrutura, em transporte e em serviços públicos nas periferias não resulta da omissão, mas de uma lógica seletiva que organiza o território com base na rentabilidade, e não na equidade. O resultado? Uma cidade fragmentada, onde o direito à moradia e à mobilidade se converte em privilégio, e onde a desigualdade se expressa não apenas em dados estatísticos, mas nas paisagens concretas de muros, distâncias e silenciamentos urbanos.

## OUTRO PARÁGRAFO DE FP - LINDO

Com base nesse cenário, nota-se que as políticas urbanas brasileiras priorizaram historicamente a expansão econômica em detrimento da justiça territorial e seguem aprofundando as desigualdades no acesso ao espaço urbano. Isso ainda ocorre, porque, segundo a urbanista Raquel Rolnik, a lógica que direcionou o crescimento das cidades brasileiras não teve como centro a garantia do direito à moradia, mas sim a valorização do solo urbano como ativo financeiro. Esse modelo promoveu uma ocupação desigual do território, em que os setores socialmente favorecidos concentraram infraestrutura, mobilidade e serviços públicos, enquanto as populações de baixa renda foram empurradas para áreas periféricas e precarizadas. Dessa forma, a ausência de políticas estruturais de regularização fundiária, aliada à naturalização da especulação imobiliária, reforçou um padrão de exclusão reproduzido até hoje. Assim, o que se convencionou chamar de desenvolvimento urbano muitas vezes é apenas o avanço do capital sobre o território com capacidade para converter o espaço da cidade em instrumento de segregação social.

## MOMENTO: RECORDAR É NÃO VACILAR...

Vou deixar aqui os Tópicos que já usamos em outras situações:

### SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL COM SINÔNIMOS:

- \* O perfil histórico da educação brasileira a partir de uma manipulação social historicamente programada
- \* Uma nação que foi educada (ou mal-educada) para ser explorada

### O que isso significa?

Isso ocorre pois há, no Brasil, um modelo educacional ultrapassado voltado à formação de uma sociedade que sirva como mão de obra barata. Esse modelo é arcaico, pois as reformas são apenas teóricas, não contemplam a diversidade de condições socioeconômicas e não priorizam a construção do senso crítico (uma exigência óbvia do século XXI). Consequentemente, vê-se uma dominação social que funciona como estratégia



dos detentores de poder para a manter a sociedade facilmente manipulada, com comportamentos previsíveis e sem ampla capacidade de mobilização social.

### Exemplo de parágrafo:

Ademais, percebe-se que o principal entrave para que tantas pessoas no Brasil não se registrem é o **perfil da educação brasileira (a partir de uma alienação social historicamente programada)**, a qual tem como objetivo formar a população apenas como mão de obra. **Isso acontece porque, assim como teorizado pelo economista José Murilo de Carvalho, observa-se a formação de uma “cidadania operária”,** a partir da qual a população mais vulnerável socioeconomicamente não é estimulada a desenvolver um pensamento crítico e é educada (ou mal-educada) para ser objeto de exploração. **Nesse sentido,** devido a essa disfunção do sistema educacional, o maior contingente populacional não conhece seus direitos enquanto cidadão, como o de possuir um documento de registro civil. **Assim,** a partir dessa educação falha, forma-se um ciclo de desigualdades, **observado no fato de o país ocupar o 8º lugar entre os mais desiguais do mundo, segundo o IBGE,** já que, **assim como afirmado pelo sociólogo Florestan Fernandes, “uma nação com acesso a uma educação de qualidade não sujeitaria seu povo a condições de precária cidadania”,** como observada a partir do alto número de pessoas sem o registro no país, por exemplo.

Giovanna da Silva Dias, 1000 na Redação do ENEM – 2021

### Exemplo de parágrafo:

**Nesse sentido,** é válido perceber o quanto a alarmante situação da fome é mais um sintoma de uma nação que foi educada (ou mal-educada) para ser explorada. **Isso ainda ocorre** pois há a naturalização dos problemas sociais do país, inclusive, da fome, a qual é atenuada em uma tentativa de esconder a herança de desigualdade. **Essa denúncia** foi feita **pelo geógrafo Josué de Castro,** no século XX, mas é visivelmente atemporal e igualmente perversa. **Com base nessa questão,** nota-se que, nos atuais modelos de exploração e exportação de commodities, o neocolonialismo econômico vigora como padrão que submete os países de economia primária (dependentes e subdesenvolvidos) a um árduo império de fome. **Dessa forma, não há espaço para contestações: o Brasil se revestiu de uma configuração social fundada na escravidão - egoísta e desigual - a qual, mesmo se comportando como independente há 200 anos, ainda tem seu “café,” cultivado por muitos, exposto nas mãos de uma minoria, e hoje (muito além da tela expressionista de Portinari) se mantém como desejo de 33 milhões de brasileiros que passam fome, segundo o IPEA. Thúlio José**



### SUGESTÃO DE TÓPICO COM SINÔNIMOS:

- \* Manipulação social historicamente programada (política, cultural, urbanística, de consumo, científica e ambiental)
- \* Um intencional processo de alienação social (política, cultural, urbanística, de consumo, científica e ambiental)

### O que é?

um modelo administrativo voltado à dominação como estratégia dos detentores de poder para a manter a sociedade facilmente manipulada, com comportamentos previsíveis e sem ampla capacidade de mobilização social.

### Por que isso ainda acontece?

Infelizmente, porque ser fruto de um intenso projeto político/econômico pautado na persistência de um sistema educacional focado não em gerar um povo intelectual capaz de promover significativas mudanças no corpo coletivo, mas sim em formar uma mão de obra explorada voltada para a conservação de uma configuração tratada como “incivilizável”.

### TEMOS OUTRAS OPÇÕES (QUERO VER A BENÇÃO DIZER QUE NÃO TEM OPÇÃO):

Isso ocorre, porque se percebe um modelo educacional ligado à dominação como uma estratégia dos detentores de poder econômico para manter a maior parte sociedade vulnerável e manipulada, pois a privação do acesso ao conhecimento de qualidade forma um país com baixo poder crítico, alienado e ausente do processo de permanente construção.

Isso ocorre, porque um modelo educacional ultrapassado, autoritário e excludente ainda é usado como uma estratégia dos detentores de poder econômico para a manutenção de uma sociedade facilmente manipulada, pois a privação do acesso ao conhecimento de qualidade forma um país com baixo poder crítico, alienado e ausente do processo de permanente construção.

### SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL COM SINÔNIMOS:

- \* Construção de um país historicamente excludente
- \* Manutenção cultural de dominação imposta ao país
- \* Manutenção de raízes desiguais

### O que é isso?

Isso ocorre, porque “a ideia do subdesenvolvimento aparece como uma estratégia para a manutenção da exploração”, ou seja, os abismos sociais – característicos de uma economia emergente – são sustentados pela persistência do pensamento colonial no Brasil. **Essa questão foi estudada pelo economista Celso Furtado, no final do século XX, e até hoje denuncia o fato de uma grande parte da organização social ainda depender dos seculares parâmetros exploradores, que categorizam quem está ou não emergindo. Dessa forma, sair da condição de explorado, torna-se um desafio que, assim como a Abolição da Escravidão, em 1888, vai muito além de uma “alforria”.**

FP

### “O epistemicídio brasileiro”

“Epistemicídio” é um conceito, elaborado por Boaventura de Sousa Santos, que trata da **destruição de formas de co-**



**hechimento e de culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente que domina**, ou seja, fala sobre a produção do conhecimento científico construída de acordo com um único modelo.

O mundo, apesar de sua complexidade, ganhou contornos monoculturais que barram a popularização de outras formas de conhecimento caso destoem do modelo vigente.

**Observação:** Boaventura de Sousa Santos criou e popularizou o termo epistemicídio; Sueli Carneiro articulou esse conceito à situação histórica brasileira.

### “Sepultamento de saberes”

É como se tivéssemos adotado um sistema de aquisição do conhecimento que validasse apenas algumas formas de pensar e de produzir cultura – normalmente vindas dos próprios colonizadores, os quais instituíram quais tipos de saber (e de referência) seguir.

Todas as outras formas de pensar são “sepultadas”.

Naturaliza-se a exclusão, o preconceito, a invisibilidade...

(As coisas são assim porque sempre foram assim).

## SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL COM SINÔNIMOS:

- \* **A naturalização da invisibilidade social**
- \* **Naturalização de um ciclo socioeconômico pautado na persistência da desigualdade.**

### O que é isso?

Muitos dos problemas do Brasil partem de um processo histórico de omissão ou de exploração cujo efeito traz de volta a recorrência desse grave problema. A sociedade passou a aceitar a desigualdade socioeconômica como algo “inevitável”, mesmo quando essa condição é resultado de estruturas e de práticas sistêmicas. Em outras palavras, a desigualdade é vista como uma parte normal ou aceitável da ordem social, ao invés de algo que pode e deve ser questionado ou transformado.

Isso acontece, porque há um padrão de desenvolvimento social e econômico em que as disparidades de... renda, riqueza, oportunidades e acesso a recursos básicos permanecem ao longo do tempo e se tornam, infelizmente, um problema naturalizado na sociedade, devido a uma série de fatores: políticas públicas eficientes, falta de acesso à educação de qualidade, barreiras ao progresso econômico para certos grupos e sistemas que favorecem a concentração de recursos nas mãos de poucos. Consequentemente, muitos dos problemas do Brasil, inclusive, \_\_\_\_\_, partem de um processo histórico de omissão ou de exploração cujo efeito traz de volta a recorrência desse grave problema.

## SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL COM SINÔNIMOS:

- \* **nacionalismo simbólico**

- \* **expressão de uma identidade somente simbólica**
- \* **expressão superficial de uma identidade**
- \* **visão equivocada de nacionalismo**
- \* **visão deturpada de patriotismo**

### O que é isso?

Em outras palavras, uma parte da sociedade justifica seu patriotismo, ou seja, seu comprometimento com o país, no máximo, a partir dos símbolos nacionais, como a bandeira e o hino do país, mas não apresenta uma visão efetivamente coletiva para a diminuição das desigualdades sociais.

Nesse sentido, nota-se o quanto um nacionalismo simbólico é usado como forma de mascarar a grave situação de omissão social quanto à prática da solidariedade. Em outras palavras, uma parcela da sociedade justifica seu amor à pátria a partir da exibição dos símbolos nacionais, como a bandeira e o hino, mas sem uma visão efetivamente coletiva, que seja capaz de retirar milhares de pessoas da situação de vulnerabilidade e permitir o crescimento equitativo do país.

Nesse sentido, é fundamental perceber o quanto a omissão social insidiosa (disfarçada) é responsável por manter padrões desiguais e injustos de crescimento do país, inclusive, no processo de \_\_\_\_\_. Isso ocorre pois, muitas vezes, há a naturalização de um “nacionalismo simbólico”, ou seja, há a justificativa de amor à pátria a partir dos símbolos nacionais, como a bandeira e o hino nacional, mas sem uma visão efetivamente coletiva, que seja capaz de retirar milhares de pessoas da situação de vulnerabilidade e permitir o crescimento equitativo do país.

## SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL COM SINÔNIMOS:

- \* **modernização pouco moderna**
- \* **modernização ainda ultrapassada**
- \* **modernização ainda arcaica**
- \* **modernização atrasada**

### O que é isso?

É um país com planos avançados, a partir do que passou a ser garantido na Constituição de 1988, por exemplo os direitos sociais, no artigo 6º, mas que ainda não se efetivam e mantêm uma realidade pobre, desigual e atrasada.

## SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL:

- \* **analfabetismo político**

### O que é isso?

Em outras palavras, há a ignorância de uma parte da população que não tem instrução mínima sobre os processos básicos associados ao seu papel enquanto ser social. Tal problema impede uma mobilização coletiva e mostra \_\_\_\_\_.

- |                            |                             |
|----------------------------|-----------------------------|
| * analfabetismo social     | * analfabetismo urbanístico |
| * analfabetismo político   | * analfabetismo científico  |
| * analfabetismo cultural   | * analfabetismo tecnológico |
| * analfabetismo econômico  | * analfabetismo ambiental   |
| * analfabetismo de consumo | * analfabetismo físico      |





## SUGESTÃO DE TÓPICO FRASAL:

### \* mercantilização de bens essenciais

### O que é isso?

Muitas vezes, o Estado transforma o que é essencial para o indivíduo em produto e a maioria da população não tem como pagar. Essa questão é grave pois os bens que são fundamentais à vida, como a água, não podem ser negociados. Consequentemente, quando algo é precificado, exclui-se uma parte da sociedade, seleciona quem pode ou não ter acesso a \_\_\_\_\_ e o abismo social é ampliado.

**Água, segurança, educação, lazer, alimentação de qualidade, dados pessoais, transporte, meio ambiente, moradia, saúde, trabalho, cultura...**

## TEÓRICOS QUE MERECEM DESCANSAR, MAS ESTÃO AQUI PARA O QUE DER E VIER:

- \* **Colonialismo insidioso** – Teoria da crise: Sociólogo Boaventura de Sousa Santos
- \* **Patrimonialismo** – Política dos eufemismos – marcadores sociais das diferenças – Mercantilização dos bens essenciais: Historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz
- \* **Coexistência dos direitos civis, sociais e políticos – Cidadania operária**: Historiador José Murilo de Carvalho
- \* **Teoria do subdesenvolvimento**: Economista Celso Furtado
- \* **Melancolia coletiva**: Arquiteta e urbanista Ermínia Maricato
- \* **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo : Jornalista José Arbex –
- \* **Epistemicídio brasileiro**: Filósofa Sueli Carneiro
- \* **Estilo de vida predatório e suicida – Mito da sustentabilidade**: Ambientalista Ailton Krenak
- \* **Holocausto brasileiro**: Jornalista Daniela Arbex
- \* **Sociedade do cansaço**: Filósofo Byung-Chul Han
- \* **Manutenção de um comportamento eugenista**: Historiador Rodrigo Bione



### ANOTAÇÕES



*Estamos juntos nessa!*



C U R S O  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.